

Ainda o aspecto verbal

Ataliba T. de Castilho

IEL - UNICAMP

0. O aspecto verbal é uma categoria semântica pela qual retratamos os graus do desenvolvimento do processo verbal ou assinalamos os estados decorrentes desse processo. Ele é por assim dizer uma representação especial do processo, tal como nossa mente o simboliza. Como símbolo e como representação, o aspecto configura uma categoria autônoma, que independe das condições da enunciação para ser identificada e para ser concebida como um objeto de investigação. Distingue-se nisto das categorias dêíticas do verbo (pessoa, tempo, modo e voz), que servem de "embreadores" da predicação às situações concretas da enunciação. Por tudo isso, não se pode ter uma visão adequada da predicação se não se investiga o aspecto verbal.

No plano do enunciado, pode-se dizer que o aspecto verbal acolhe-se basicamente ao radical do verbo, não dispondo, numa língua como a portuguesa, de roupagem morfológica expressiva. Secundariamente, intervêm as fleções temporais, as perífrases, os adjuntos adverbiais, que

interagindo com o radical verbal confirmam ou alteram "modo da ação" que ele simboliza, enquanto item lexical. Esses mecanismos lingüísticos foram examinados num trabalho anterior: Castilho (1968). Em suma, pode-se dizer que o aspecto é a categorização da experiência humana relativamente aos acontecimentos, às ações, aos processos. O item que traduz essas noções é o verbo de significação plena. Onde há verbo, há aspecto. Naturalmente que a identificação do tipo particular de aspecto utilizado pelo falante depende do contexto. Não, porém, a categoria do aspecto em si, pois sendo um símbolo, ele é um objeto intelectual autônomo, como ficou dito atrás.

I. Para descrever o aspecto de uma forma sistemática, devemos partir das propriedades semânticas identificadas no verbo, operando por pares conceptuais distintos.

Sejam as seguintes orações:

- 1) Pegaram-no, e agora está marcado, não terá mais sossego.
- 2) Fecha os olhos e concentra-se: por que os vizinhos andam dizendo tantas coisas sobre sua família.
- 3) Enquanto caminhava, caiu-me o lápis no chão.
- 4) Pôs-se a citar de memória as dívidas de cada um de nós e acabou de fumar seu charuto.

Cada uma dessas orações pode ser encarada

de diferentes ângulos quanto à questão do aspecto. Sistematizando um pouco as observações pode-se construir um modelo à base de pares conceptuais opositivos, através do qual poderemos re-interpretar as orações acima. Teremos então o seguinte:

(1) Os predicados pegaram, fecha os olhos, andam dizendo e os demais indicam a realização do processo em si, enquanto que está marcado, e apenas ele, significa o resultado dessa operação. Há pois um contraste entre "operação da ação" e "resultado da ação".

(2) Em pegaram, fecha os olhos e caiu-me temos uma operação singular, por contraste com andam dizendo, que assinala a repetição do processo de dizer. Distingue-se portanto uma ação singular de uma ação repetida, e identifica-se a face quantitativa da ação.

(3) Em (3) o ato de caminhar configura uma ação que dura no tempo, enquanto que caiu é uma ação que se escoa rapidamente, sem uma duração relevante. Contrasta-se assim uma ação que se alonga com uma ação pontual, vista em sua globalidade, identificando-se a face qualitativa da ação.

(4) Em (4) pôs-se a citar indica a fase inicial de um processo durativo, enquanto que acabou de fumar indica a fase terminativa, acentuando uma proprie

dade semântica inerente de "fumar um charuto", como verbo de "accomplishment".

Dentro dessa visão das coisas, a distinção "operação/resultado" corresponde a uma supracategoria aspectual. A operação é a ação em si. O resultado é o estado que decorre de uma ação. O resultado é portanto, na ordem temporal, algo presente, que decorre de uma operação necessariamente anterior, no passado. A operação e o resultado podem expressar-se lexicalmente ou gramaticalmente.

A expressão lexical, restrita a certas áreas semânticas, ocorre quando um item lexical pode ser relacionado com outro da seguinte forma:

noção A — noção B — noção C

operação resultado estado

agarrar ter manter (Snell, 1952:101)

partir chegar ficar (Travaglia, 1982:58)

A expressão gramatical da operação é feita através das formas verbais simples e dos grupos verbais. A expressão gramatical do resultado se faz:

(i) Superficializando o complemento passivo como um sujeito gramatical passivo:

- | operação | — | resultado |
|-------------------------|---|----------------|
| 5) Fulano abriu a porta | — | A porta abriu. |
| 6) Fulano rolou a pedra | — | A pedra rolou. |

(ii) Auxiliarizando o verbo por meio de es
tar-do, ter-do e ser-do:

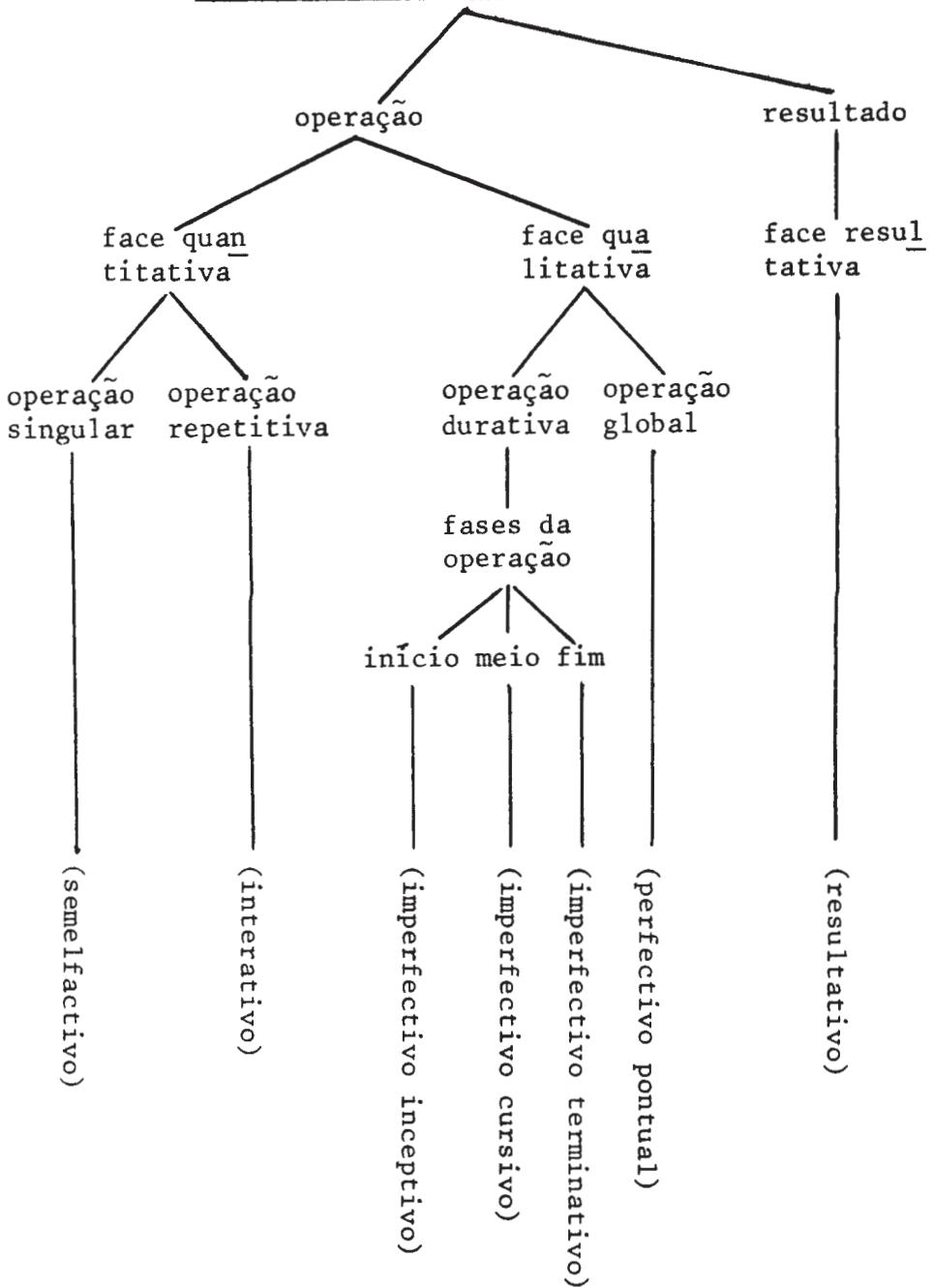
- | operação | — | resultado |
|------------------------|---|----------------------------|
| 7) Fulano desmaiara | — | Fulano estivera desmaiado. |
| 8) Fulano fez uma lei | — | Fulano tem uma lei feita. |
| 9) F. devorou a planta | — | A planta foi devorada. |

Com respeito à descaracterização no português contemporâneo do valor primitivo de resultado próprio a ter-do, (v. Castilho, 1967).

No gráfico da página seguinte, indico as sub-categorias criadas a partir dos pares conceptuais acimma relacionados, anotando entre parênteses sua designação terminológica.

Esse quadro representa as distinções aspectuais mais freqüentes. Seria um erro supor que as formas verbais exemplificam sempre uma e apenas uma dessas distinções. O quadro aspectual é pluridimensional, dada a complexidade da predicacão. As sub-categorias aspectuais não operam numa forma estanque, umas excluindo as outras. Elas se recobrem, se combinam, entrecruzando-se de vários modos. Assim, um verbo de fase (=face qualitativa da operação

Modelo semântico para o Aspecto



ção). "Pôs-se a citar as dívidas" em (4) é um inceptivo interativo. Seria um inceptivo semelfactivo em

10) Pôs-se a recitar de memória seu soneto preferido.

O mesmo sucede com um verbo de ação global. Em (2) "fecha os olhos" é um pontual semelfactivo, que se transformará em pontual iterativo em

11) Adquiriu agora um novo sestro: fecha os olhos sempre que a mãe se põe a reclamar.

Conforme afirméi anteriormente, o par conceptual "ação singular/ação repetida" recobre praticamente qualquer outra distinção aspectual: Castilho (1968:50)

Há relações igualmente entre os aspectos "de operação" e os "de resultado". Uma ação pode simplesmente ter início e seguir durando, como em "pôs-se a citar", ou ter início e com isso ocasionar uma mudança de estado, como em

12) Ignorava, mas envelhecia e frequejava (G.Ramos)

Envelhecer é "ir envelhecendo", isto é, revestir-se paulatinamente de uma propriedade que resulta da operação de ficar velho. Combina-se aqui portanto a duração própria a um verbo de face qualitativamente imperfectiva, e a mudança de estado em que implicam os sufixos -ecer, e -ejar. O mesmo não se dá com ignorava, que não corresponde a "está ignorando", e sim a "ser ignorante de algo".

O caráter pluridimensional do Aspecto – in sistamos – desaconselha a proposta de uma tipologia de ca rãter excludente. É a enunciaçãõ que nos indicará quais as noções aspectuais que foram atualizadas no enunciado. Assim, é impossível determinar se em

13) Os ratos roem papel

temos um interativo, um durativo ou mesmo a afirmaçãõ de uma generalidade. Ao discutir essa oraçãõ – assim descon textualizada – Travaglia (1982:41) reconhece a "dificulda de de distinguir se temos, numa dada frase, o aspecto ca racterizado pela duraçãõ contĩnua ilimitada ou o aspecto caracterizado pela duraçãõ descontĩnua ilimitada, jã que os dois aparecem em frases que expressam verdades "eter nas" atemporais". Por outras palavras, roem pode ser inte rativo em

13a) Como os ratos roem papel, o melhor serã você nãõ deixar seus escritos por aĩ, sem proteçãõ.

durativo, nesta narrativa testemunhal:

13b) À noite, nãõ consigo dormir. Baratas andam pelo quarto, ratos roem livros na estante, e o calor é insuportãvel.

ou um zero aspectual em

13c) Fulano perdeu completamente os manuscritos de seu novo livro. Deixou-os por um tempo na estante e agora os encontrou picados, perdidos. Espero que desta vez aprenda. Ratos roem papel.

Em português, não é definitivamente na morfologia que se acolhe a categoria do aspecto verbal. O contrário ocorre nas línguas eslavas, em que o aspecto praticamente cinde em dois o sistema, criando duas conjugações independentes, assinalados por recursos mórficos próprios.

Como as línguas românicas não dispõem de se aparato, o estudo do aspecto tardou mais neste domínio. Houve mesmo quem considerasse irrelevante o aspecto numa língua como a portuguesa, dada a falta de morfologia própria.

A morfologização ou não das categorias, entretanto, não pode ser considerada um fator decisivo no estudo dos fenômenos lingüísticos. Generaliza-se a convicção de que a sintaxe das línguas é indeterminada, não há correspondência entre construções e noções. De outro lado, as línguas por certo se distinguem no plano da expressão. Mas no plano do conteúdo constata-se que a experiência humana apresenta muito de comum. A noção de aspecto - coluna vertebral da predicação - representa uma dessas experiências. Se carece de morfologia, isto por certo dificulta sua apresentação numa forma sistemática. As mesmas línguas eslavas, que dispõem de uma morfologia de base aspectual, não dispensam as considerações semânticas no estudo dessa categoria, segundo a testemunha Kopečny, citado por Šabršula (1969: 116).

Em face dessa dificuldade, alguns lingüístas propuseram dois conceitos para retratar as realizações

do aspecto fora da família lingüística eslava: o de Aktionsart (aspecto de expressão puramente lexical) e o de Aspekt (aspecto de expressão morfológica).

O conceito de Aktionsart aparece em diferentes autores, referindo sucessivamente como "modo da ação" (Naert, 1960), "ordem dos processos" (Brunel, 1939), "qualidade da ação" (Bassols de Climent, 1951), "aspecto e sub-aspectos da ação verbal" (Šabršula, 1969: 112, expressão substituída por "maneira da ação" em seu texto de 1971). Não faltou, naturalmente, quem recusasse importância às vertentes lexicais do aspecto. É o caso de Schogt (1964: 1). Não obstante, é tão difícil sustentar a inexistência de uma interação semântica entre o tema e seus sufixos flexionais, que esse mesmo autor, logo à pág. 6 do mesmo trabalho, acaba por aludir ao "aspecto lexical".

O conceito de Aspekt tem um número menor de defensores, e deu surgimento a diferentes linhas de interpretação. Uns defendem a existência de uma morfologia aspectual restrita aos tempos do passado, fundamentando-se na distinção "pretérito perfeito simples / pretérito imperfeito", e lembrando que os termos "perfeito" e "imperfeito", consagrados pela terminologia gramatical, destacam o conteúdo aspectual de certas flexões. Outros consideram as flexões do ponto de vista de sua interação com as diferentes Aktionsarten, que ora confirmam, ora alteram: Sten (1952 e 1973), Castilho (1968: 20-22, 39-44), Wedel (1974: 386-387). Finalmente alguns vincularam

os tempos do passado (com exceção do imperfeito e, no caso do português, do pretérito perfeito composto) ao aspecto "acabado", e os tempos do presente e do futuro ao aspecto "não acabado": Imbs (1960), Moreno de Alva (1978: 51), Travaglia (1982). O fundamento dessa correlação está em que uma ação acabada é uma ação que se escoou no passado, enquanto que uma ação não acabada é a que ainda se desenvolve ou está para desenvolver-se, podendo então ser temporalmente presente ou futura. Sempre me parece que uma estreita vinculação do aspecto à sua representação morfológica acaba por despersonalizá-lo, identificando-o inteiramente ao tempo. A vantagem da posição anterior sobre esta parece ser a de preservar a nitidez do aspecto, cujas diferentes execuções podem dar-se em qualquer perspectiva temporal. Assim, em

14) Olhei pela janela

temos uma ação imperfectiva cursiva que se desenvolve no passado, enquanto que em

15) Descobri a solução do problema

há uma ação perfectiva pontual completa no passado.

Como consequência, parece inadequado descrever o pretérito perfeito simples sistematicamente como pertencente ao aspecto perfectivo, e o presente como sempre imperfectivo. Muito mais autêntico será estudar os mecanismos de interação "tema-sufixos flexionais", como fiz no trabalho citado acima. Aspecto e Tempo, em su

ma, representam dimensões distintas no interior da pre
dicação, e assim devem ser estudados.

II. Estas observações vêm a propósito da excelente Dissertação de Mestrado de Luiz Carlos Trava
glia, "O Aspecto Verbal no Português", em boa hora publica
da pela Universidade Federal de Uberlândia. O livro consta de duas partes. Alinham-se na primeira os seguin
tes capítulos: Colocações e estudos existentes sobre As
pecto no Português, O Conceito de Aspecto e as Noções As
pectuais, Tipos de Situações, O Quadro Aspectual do Por
tuguês, Relações entre os Aspectos e O Aspecto dos Nomes. Na segunda parte, trata-se da Expressão do Aspecto pelas Flexões Verbais, A Expressão do Aspecto pelas Perífrases Verbais, Outros Recursos de Expressão do Aspecto, A Rela
ção do Aspecto com a Voz, o Tempo e o Modo, Conclusões.

Pode-se afirmar sem temor de erro que o livro de Travaglia representa uma contribuição efetiva às investigações sobre o Aspecto na língua portuguesa. Ao lado de Almeida (1973), este trabalho é a melhor resposta que obtive desde que solicitei a atenção dos pesquis
adores sobre essa categoria, num estudo publicado nos anos sessenta.

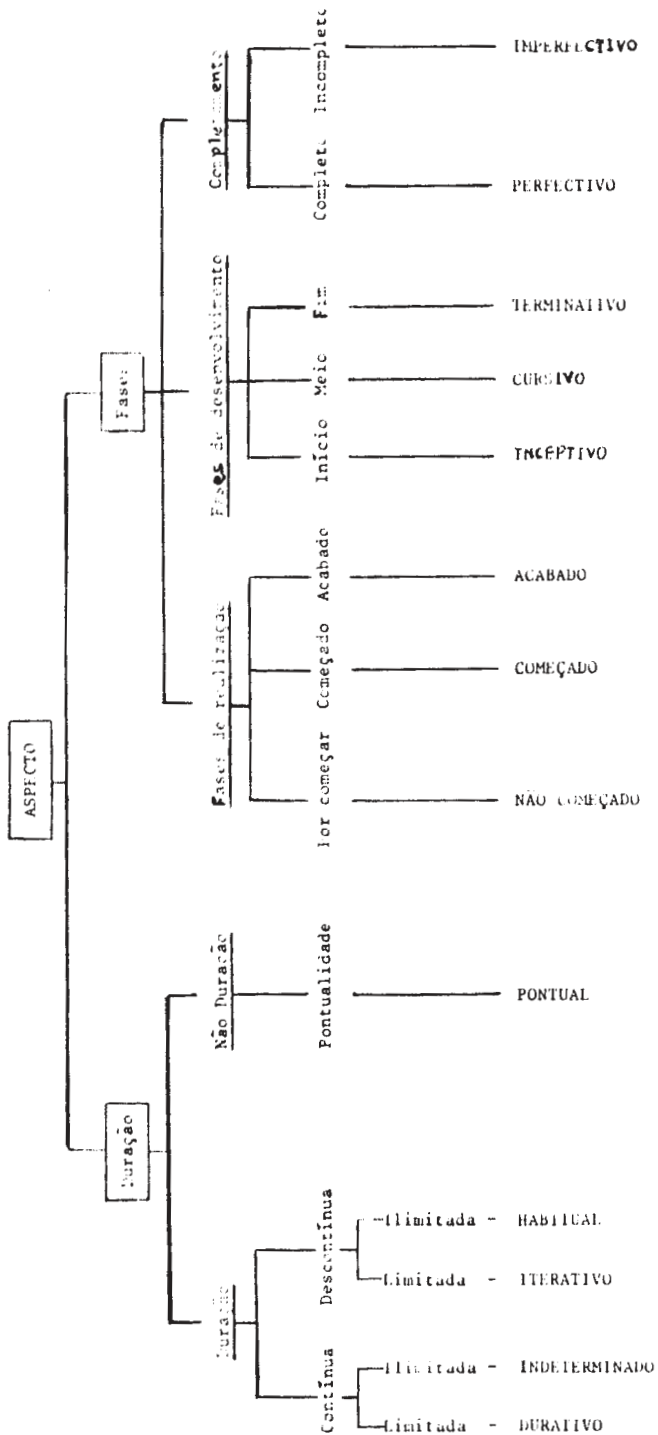
Neste artigo-resenha comentarei brevemente dois tópicos abordados pelo autor: a tipologia do as
pecto e as relações entre aspecto e tempo.

III. À pág. 77 o autor apresenta seu qua

dro de noções aspectuais. Vou reproduzi-lo, dando-lhe a mesma apresentação gráfica de minha proposta de 1968, re formulada páginas atrás neste texto.

Ao comentar esse quadro é preciso ter em mente duas afirmações preliminares do autor:

(1) Uma tipologia do aspecto deve levar em conta um "quadro de aspectos simples", isto é, um quadro de tipos que correspondem a apenas uma noção aspectual (pág. 65). Para ficar coerente com esse princípio, ele será levado a apresentar um quadro nocional sem coerência, em que os termos não são apresentados numa forma opositiva. Com efeito, (i) Por que "duração" se opõe a "fases", quando é certo que uma ação durativa é justamente aquela que admite fases no seu desdobramento? (ii) Por que "indeterminado" se opõe a "durativo", quando se reconhece que "a separação entre o indeterminado e o não-aspecto é mínima e por vezes é difícil saber se temos um ou o outro" (p. 81)? Se a indeterminação roça o não-aspecto, o melhor será contrastá-lo com a totalidade dos aspectos "determinados" identificados, e não com apenas um. (iii) Não me lembro de ter encontrado no texto uma explicação para a eventual diferença entre "fases de realização" e "fases de desenvolvimento", aparentemente sinônimos, porém dados como sub-categorias de "fases". Também é difícil entender por que o aspecto "não começado" representa uma das "fases de realização". O próprio autor reconhece não ter encontrado "referência ao aspecto não-começado em nenhum outro trabalho" (pág. 90). Realmen



te, sendo o aspecto "uma categoria verbal (...) através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases" (pág. 33), fica um pouco difícil capitular como aspecto uma ação que não começou a ter existência, que é apenas iminente, como em "A cozinha está por limpar" (pág. 89). A distinção entre fases de realização e fases de desenvolvimento, ademais, implica na escolha de termos tais como "começado" e "inceptivo" para indicar aspectos diferentes, sendo estes termos sinônimos no uso lingüístico comum. Em suma, continuo a pensar que estando o aspecto tão próximo da própria predicção é indispensável sistematizar de algum modo a massa de noções predicativas. O uso de pares conceptuais opositivos dá certa ordem ao caos, e assegura a organização de quadros tão claros quanto possível. Um segundo passo é reconhecer a existência do aspecto como uma categoria nocional mista, isto é, composta de mais de um dos componentes destacados no quadro, segundo deixei dito no começo deste artigo.

(2) Outra afirmação explanatória do quadro é aquela a propósito dos "tipos de situação" (págs. 51-64), denominação sob a qual o autor reúne considerações sobre verbos tólicos e atólicos, situações dinâmicas e situações estáticas, situação referencial e situação narrativa. A definição de "situação" aparecera na nota 22 da pág. 31: "o termo situação será usado neste trabalho como um termo geral para processos, estados, fenômenos, eventos, etc. Alguns tipos particulares de situações serão definidos mais adiante". Por "situação" deve

entender-se, então, os diferentes tipos de predicção con-
tidos no semanticismo do verbo. Sendo uma espécie de ter-
mo "omnibus", seria inevitável que em algum momento se
propusesse uma classificação das situações, para além das
distinções já indicadas entre verbos tólicos e atólicos,
situações dinâmicas e situações estáticas. Essa classifi-
cação vem à pág. 61 e ss., quando o autor alude à situa-
ção narrada e à situação referencial, de que dá três defi-
nições: (i) A situação referencial é "um estado resultan-
te da realização anterior da situação narrada". Estabele-
ce-se, portanto, uma relação genética entre uma predica-
ção e a outra, de tal sorte que SN → SR. Esse entendi-
mento das coisas, apresentado em nosso quadro tipológico
em termos da distinção "operação/resultado", aplica-se com
clareza ao caso examinado por Travaglia à pág. 191, em
que estuda orações como

72) Tenho a lição estudada

73) Bernarda (que vestiu um casaco e tem posta uma man-
tilha preta, etc.).

Afirma o autor: "a perífrase ter + participío (variável)
expressa os aspectos imperfectivo, cursivo, não-acabado e
durativo, para a situação referencial, que é um estado, e
o acabado para a situação narrada de cujo término resul-
tou o estado expresso". Por outras palavras, à operação
anterior de "estudar a lição" corresponde o estado presen-
te de "ter a lição estudada". À operação de "pôr a manti-
lha" corresponde o estado de "ter a mantilha posta". (ii)

A relação genética SN →SR surpreendida no item anterior altera-se para uma relação de implicação na segunda acepção de Travaglia: "a situação referencial é uma situação cuja realização implica o início ou o termo de outra situação, que é a situação narrada", portanto, SN ←SR. Esse novo entendimento de SN e SR é exemplificado à pág. 99, em que as perífrases "comecei a pintar" e "terminei de guardar" são assim analisadas: SR "comecei a pintar", SN "pintar"; SR "terminei de guardar", SN "guardar". É evidente que estamos aqui diante de um novo entendimento das "situações", pois "começar a pintar" e "terminar de guardar" não podem ser considerados "estados resultantes da realização anterior de pintar e guardar", constituindo-se antes em alterações semânticas das bases verbais, operadas pela adjunção de outro verbo. (iii) A terceira acepção não representa uma nova modalidade de situação, e poderia sem prejuízo da clareza ter sido incluída na segunda: "a situação referencial é uma situação cuja realização implica o prosseguimento da realização da situação narrada", como em

131) Carla continuou caminhando pelo bosque (...).

Há, em síntese, dois entendimentos de SN e de SR. No primeiro, a SR é o resultado da execução de SN. No segundo, a SN é uma predicação semanticamente simples, enquanto que a SR é uma predicação semanticamente complexa, pois representa o somatório de dois verbos agrupados num mesmo grupo verbal, matéria que tem sido

estudada na bibliografia específica em termos de "linking" ou de "nesting" Weinreich (1966). A duplicidade de entendimento de SR e de SN ressalta de testes tais como

72a) Estudei a lição, por isso ela está estudada.
por isso eu a tenho estudada.

73a) Pus a mantilha, por isso ela está posta.
por isso eu a tenho posta.

16)* Pinteí a casa, por isso comecei a pintá-la.

17)* Guardei a roupa, por isso terminei de guardá-la.

18)* Caminhei pelo bosque, por isso continuei caminhando.

Qual terá sido, então, o objetivo de Travaglia ao propor sob a mesma denominação de "situação" mecanismos semânticos diferentes? Parece-me que se trata de um "distinguo" necessário à sustentação do argumento segundo o qual o aspecto deve ser encarado como uma realidade semântica simples. Esse artifício permite analisar a mesma seqüência verbal a partir de tipos aspectuais diferentes. Assim, retornando ao exemplo (72), vê-se que ele considera "ter estudada" como "imperfectivo, cursivo, não-acabado, durativo", enquanto que "estudar a lição" é considerado como um acabado (pág. 191). Ora, seriam (72), tanto quanto (73) realmente durativos? Para isso, eles deveriam admitir paráfrases como

72b) Tenho estudado a lição.

72c) Estou estudando a lição.

73b) Tenho posto a mantilha.

73c) Estou pondo a mantilha,

o que não é o caso. O que Travaglia está classificando é a inferência que se pode fazer das orações (72) e (73), que denotam estados, sendo estes permansivos, ou durativos. Em suma, no interior do verbo processam-se diferentes mecanismos que vão da significação literal para a significação criada, da significação do verbo "em estado de dicionário" para sua significação contextualizada, que dá como resultado a predicação em seu todo, sua complexidade. Ele procura acompanhar cada um dos passos dessa elaboração, as quais denomina impropriamente "situações", um termo hoje muito comprometido com a Lingüística do Texto. Talvez tivesse sido mais adequado falar em "aspecto locutório" naqueles casos em que a significação lexical do verbo coincide com sua significação contextualizada, e em "aspecto translocutório" naqueles casos em que a contextualização altera a significação lexical. Mais adequado, igualmente, seria separar na análise os mecanismos lingüísticos, de seus resultados. Um mecanismo não se classifica, explica-se. A etiqueta só se faz clara quando aplicada aos resultados concretos desse mecanismo. A denominação de cada passo do processo pode resultar em quadros tipológicos pesados, de difícil compresensão. Indubitavelmente Travaglia tem o grande mérito de se valer das inspirações mais recentes da teoria lingüís

tica. Suponho, entretanto, que os diferentes níveis de consideração deveriam ter sido objeto de análises e categorizações separadas. O mundo da predicação, os atos de fala, representam um objeto bastante vasto, e compreende esferas que se interpenetram. Valer-se desses recursos todos é o privilégio do falante. Pôr ordem neles, reconhecendo as áreas de atuação de cada esfera é a tarefa do lingüista. Nesse sentido, o trabalho de Travaglia representa um novo e sério desafio aos lingüistas interessados no aspecto verbal da língua portuguesa.

IV. Gostaria agora de comentar as relações entre o aspecto e o tempo, tais como aparecem no livro de Travaglia.

Sendo o aspecto e o tempo expressos por uma mesma classe de palavra, torna-se difícil que essas categorias recortem a realidade de um modo taxativamente distinto. Por isso mesmo, muitos são os autores que acabam por assimilar uma categoria à outra, como Guillaume, que considerava o aspecto um "tempo implicado". Tratei dessas assimilações em trabalhos anteriores: Castilho (1968: § 104; 1981: 278).

Enumero a seguir as passagens em que Travaglia dá uma interpretação temporal do aspecto, no que estamos em desacordo.

(1) Pág. 31: "Em primeiro lugar, é preciso ter em mente que o aspecto é uma categoria verbal ligada ao TEMPO (Tempo no sentido de 'idéia geral e abstra

ta de tempo, sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase' - *ibid.*)". E mais além: "o aspecto é, como dissemos, uma categoria verbal ligada ao TEMPO, pois antes de mais nada ele indica o espaço temporal ocupado pela situação em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização" (*ibidem*).

(2) Págs. 69-70: identificado o aspecto ao tempo, Travaglia procede a uma série de re-interpretações de exemplos que analiso em meu trabalho, como este:

- 19) Contemplou os seus livros com tanto afeto (...) Como separo aspecto de tempo, considero que uma ação pode apresentar-se como uma ação-linha ou como uma ação-ponto em qualquer perspectiva temporal. Assim "contemplou" indica uma ação que ocorreu anteriormente ao momento da fala (T) e representa a duração que aí se verificou (A). Daí entender que temos em (19) um imperfectivo cursivo. Travaglia discorda dessa interpretação, e indaga: "se as situações são apresentadas como acabadas o aspecto prenos exemplos (137) a (143) e (146) é o Perfectivo ou o Imperfectivo?" Embaraça-o chamar imperfectiva a uma ação que do ponto de vista do tempo já terminou: "Se a situação é apresentada como acabada não podemos dizer que o aspecto aí presente é o Imperfectivo apenas porque há duração (*sic*, grifos meus), já que o acabamento ou complemento

caracterizam o Perfectivo" (pág. 71). Foi para evitar incompreensões quanto a esse raciocínio que evitei quanto pude a expressão "ação acabada", preferindo "completamento da ação" para caracterizar os casos de ausência de duração (v. quadros I e III, págs. 49 e 51 de meu trabalho de 1968). Penso que o modelo semântico que apresento neste texto explicita mais esse argumento, através da oposição "operação durativa" (por fases) a "operação global" (sem fases).

(3) A assimilação do T ao A acarreta como sub-produto a inclusão dos casos de ação iminente entre os tipos aspectuais. Capitulando o "acabado" como uma noção aspectual, o pesquisador é levado quase que espontaneamente a incluir também o "não acabado", o "não começado" como outra noção aspectual. É o que se lê à pág.101, em que "esteve por costurar" é interpretado como tendo uma SR perfectiva, enquanto que à pág. 112 "está por arrumar" é tido como uma situação imperfectiva. Parece-me que em ambos os casos temos uma ação iminente no passado ("esteve por costurar") ou no presente ("está por arrumar"). Não há aspecto porque esses grupos verbais não marcam "a duração da situação e/ou suas fases" (pág.33). Teria sido melhor permanecer fiel ao que se lê na pág. 35 ("Duas noções temporais que às vezes são apontadas como aspectuais, mas que na verdade são noções de tempo, são a iminência da ação e o passado recente"), ou nas

págs. 131 (nota 96) e 132, em que o valor de futuro é considerado incompatível com a expressão do aspecto, ou mesmo na pág. 137, em que se reconhece que nem sempre "tudo o que é apresentado como passado é também acabado". Ver, ainda, págs. 146 e ss., 150, 152, 202 e 222.

É bem verdade que uma separação laxativa entre T e A representa uma tarefa árdua, por mais de uma razão: (i) As duas supracategorias aspectuais "operação/resultado" que propus implicam na realização anterior de uma ação que gera um resultado posterior. Esta dificuldade, entretanto, não me embaraça, pois entender o tempo como uma mera seqüência de ações é ter um entendimento pobre dessa categoria. (ii) Os adjuntos adverbiais e os padrões oracionais que co-ocorrem com o aspecto são temporais: Castilho (1968: 114-114); Travaglia (1981: 312) . (iii) Quando falta o tempo, falta igualmente o aspecto, como nos casos do presente de generalização: Castilho (1968: 102-105); Travaglia (1981: 294). Este é, porém, um mecanismo mais geral, que ocorre sempre que se rarefazem as relações entre o evento e o momento da enunciação, seja pela indeterminação do agente, seja pela transposição do falante para o mundo não mensurável das generalidades, das verdades feitas, da suposição, do comentário. Não posso desenvolver aqui esses argumentos, que constam de um trabalho em elaboração sobre o tempo verbal.

Em favor de uma separação entre essas categorias militam os seguintes argumentos: (i) O aspecto é a representação espacial do processo verbal. É um símbolo

autônomo, objetivo, primitivo. Já o papel do tempo é dêi
tico, pois serve ao relacionamento dos eventos entre si
e destes com o falante. Trata-se de um conceito subjeti
vo (porque ligado ao sujeito da enunciação) e derivado
(pois implica no desenvolvimento prévio da concepção da
Pessoa, à qual está vinculado). (ii) Como essência da
predicação, o aspecto é pluridimensional (e, portanto,
complexo enquanto conceito), ao passo que o tempo é uni
dimensional (pois consiste basicamente num movimento que
vem do passado e se lança no futuro - no tempo cronolôgi
co - ou num movimento que brota do presente, lançando-se
ao passado ou ao futuro - no tempo lingüístico -.

Acredito que a separação das categorias
de tempo e aspecto assegura um tratamento mais nítido do
assunto.

V. Concluirei estas notas com alguns repa
ros a problemas menores do texto de Travaglia.

(1) Não ficou muito claro seu entendimen
to acerca da "expressão gramatical do aspecto" (veja, por
exemplo, a pág. 71, nota 65). Ele parece entender por "ex
pressão gramatical" os casos de repetição do verbo, ocor
rência de adjuntos adverbiais e perífrases. Ora, em to
dos esses casos o que ocorre na verdade é um mecanismo
de interação semântica entre a significação do radical
verbal e a significação dos adjuntos e dos verbos auxi
liares, visto que no português o aspecto não tem uma ex
pressão propriamente gramatical, vale dizer, através de

processos morfo-sintáticos recorrentes. Assim, acabar + r não implica sempre na expressão do término. Tudo depende rã do arranjo semântico que se pode obter. Cf., por exemplo, "acaba de reconhecer" e "acaba de contar uma história". No primeiro caso, expressa-se uma ação pontual (donde a impossibilidade da paráfrase por "vinha reconhecendo"), enquanto que no segundo caso se expressa uma ação durativa (donde a paráfrase (vinha contando").

(2) Na enumeração de gramáticas em que fi guram referências ao aspecto é absolutamente necessário principiar por Jerônimo Soares Barbosa (1822: 132, 135-136).

(3) Há varias referências bibliográficas a alterar. Pág. 51: quem pela primeira vez mencionou a classe dos verbos télicos e atélicos foi Garey (1957). Pág. 56: as designações 'accomplishment' e 'achievement' são de Vendler (1957), e não de Lyons. Pág. 63: a distinção entre tempo da ação e tempo do evento procede de Reichembach (1947).

Não resta dúvida que o estudo de Travaglia se constitui numa efetiva contribuição ao estudo do as pecto verbal na língua portuguesa. Ele ampliou muito as considerações sobre as perífrases, incluiu pela primeira vez considerações sobre grupos verbais complexos, e pro curou utilizar-se de considerações semânticas mais recen tes. Uma leitura crítica de suas páginas abrirá caminho a novos estudos sobre essa categoria verbal.

BIBLIOGRAFIA:

- ALMEIDA, João de (1973)- Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo. Assis, ILHPA/HUCITEC, 1980.
- BARBOSA, Jeronymo S. - Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, 7^a ed. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sicencias, 1881.
- BASSOLS DE CLIMENT M. (1951) - "La cualidad de la acción verbal en español", in Estudios Dedicados a Menéndez Pidal. Maddrid, CSIC, 1951, vol. II, págs, 135-147.
- BRUNEL, J.L. - L'Aspect verbal et emploi des préverbes en grec, particulièrement en attique. Paris, Klincksieck, 1939.
- CASTILHO, Ataliba T.de (1967) - A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português. Marília, FFCL, 1967.
- 1968 - Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa. Marília, FFCL, 1968.
- 1981 - "O Projeto NURC e a sintaxe do verbo", in Estudos de Filologia e Linguística. São Paulo, TAQ/EDUSP, 1981, págs. 269-288.

IMBS, Paul (1960) - L'emploi des temps verbaux en français moderne. Paris, Klincksieck, 1960.

MORENO DE ALBA, José (1978) - Valores de las Formas Verba les en el Español de México. México, UNAM, 1978.

NAERT, Pierre (1960) - "Mode de présentation, aspect, mode d'action, détermination et transitivité" , Studia Linguistica 14: 1960, 1-14.

REICHENBACH, Hans (1947) - Elements of Symbolic Logic. New York, Macmillan, 1947.

ŠABRŠŮLA, Jan (1969) - "L'Aspect de l'action verbale et les sous-aspects", Romanistica Pragensia 6: 1969, 109-143.

————— (1972) - "Verbal Aspect and Manner of Action in French - a Slavonic/Czech view", in V. Fried (ed.) - The Prague School of Linguistics and Language Teaching. London, Oxford University Press, 1972, pāgs. 95-111.

SCHOET, H.G. (1964) - "L'Aspect verbal en français et l'élimination du passé simple", Word 20: 1964, pāgs. 1-17.

SNELL, Bruno (1952) - La Estructura del Lenguaje. Madrid, Gredos, 1966.

- STEN, Holger (1952) - Les Temps du verbe fini (Indicatif) en français moderne. Kobenhaven, Det Kongelige Danske, Videnskabernes Selkab, 1952.
- (1973) - L'Emploi des temps verbaux en portugais moderne. København, Det Kong. Danske Videnskabernes Selkab, 1973.
- TRAVAGLIA, J.Carlos (1981) - O Aspecto verbal no Português. A Categoria e sua Expressão. Uberlândia, Gráfica da Universidade Federal de Uberlândia, 1981.
- VENDLER, Zeno (1957) - "Verbs and Times", republ.Linguistics in Philosophy. Ithaca, Cornell University Press, 1967, págs. 97-121.
- WEDEL, Alfred R. (1974) - "Los conceptos 'perfectivo' y 'perfecto' en el sistema verbal del castellano moderno", Nueva Revista de Filología Hispánica 23: 1974, 381-388.
- WEINREICH, Uriel (1966) - "Explorations in Semantic Theory", in Thomas Sebeok (ed.) - Current Trends in Linguistics. The Hague, Mouton, 1966, vol. III, págs. 394-477.